

TÍTULO ORIGINAL:
*ET MAINTENANT ON VA
OÙ? / OU HALLA LA WEYN?*
(2007)

Título em português:
E AGORA, ONDE VAMOS?

Estreia em Portugal: 12 de abril de 2012
Edição DVD: Pris Audiovisuais, S. João da Madeira, 2012
Duração: 98 min.
Realização: Nadine Labaki
Fotografia (cores): Christophe Offenstein
Música: Khaled Mouzanar
Argumento: Thomas Bidegain, Rodney El Haddad, Bassam Habi, Jihad Hojeily e Nadine Labaki
Intérpretes principais: Claude Baz Moussawbaa (Takla); Layla Hakim (Afaf); Nadine Labaki (Amale); Yvonne Maalouf (Yvonne); Antoinette Noufaily (Saydeh); Julian Farhat (Rabih); Ali Haidar (Roukoz); Kevin Abboud (Nassim); Petra Saghbini (Rita); Mostafa Al Sakk (Hammoudi); Sasseen Kawzally (Issam); Caroline Labaki (Aïda).



O FILME – SINOPSE

Numa aldeia remota do Líbano vive uma comunidade dividida entre a religião cristã e a religião islâmica. O lugar, rodeado por minas terrestres, tem apenas uma velha ponte que o liga às outras comunidades da zona. À medida que a guerra se agudiza no país, as mulheres da aldeia, cansadas de fazer o luto pelos seus maridos e filhos, decidem boicotar a informação que lhes chega, destruindo o rádio e a televisão comunitários. Porém, até então, e apesar das divergências religiosas, os seus habitantes vivem pacificamente a sua fé. Contudo, um evento vem contrariar aquela tranquilidade e os homens começam a disputar direitos e deveres, criando uma divisão entre os dois grupos religiosos num ambiente de tensão que cresce de dia para dia. É então que as mulheres, habituadas a conduzir os seus homens de uma maneira peculiar, de forma a desviar a sua atenção daqueles conflitos que ameaçam pôr em causa as

boas relações entre todos, decidem contratar um grupo de dançarinas ocidentais e drogá-los com bolinhos de haxixe enquanto escondem todas as armas da aldeia...

Disponível em: <https://cinecartaz.publico.pt/Filme/293557_e-agora-onde-vamos>.
Acesso 22.02.2020
(texto adaptado)

OPINIÃO | REFLEXÃO NO PERCURSO DE NADINE LABAKI II

Aparentemente banal, “E Agora, Onde Vamos?”, é um daqueles casos em que, sendo um filme simples quando à narrativa e estética cinematográfica, não é, na verdade, um filme simplista.

Sem grandes ousadias nos planos, na criatividade das imagens ou no desenrolar da história, este filme de Labaki apoia-se num conjunto de ideias expressas de forma íntegra: o palco da guerra, das divisões e dos conflitos insanáveis e perduráveis. Tudo isto acontece num universo marcadamente masculino. Por isso, o resultado desse agressivo confronto está bem patente no cemitério da aldeia. Campas de homens são o desfecho real e verificável dessa irremediável situação. A superação dessa guerra, culturalmente procedente e ininterrupta, passa pelo esforço coletivo levado a efeito por mulheres, maioritariamente viúvas, que decidem tudo em conjunto, sem discórdias, jogos de poder ou tentativas de domínio de umas sobre as outras. O que nelas se evidencia é o espírito de partilha e de cooperação, realizado num trabalho unido e igualitário, metuculoso e esclarecido em direção à harmonia ambicionada. Este é o ponto mais nobre e relevante a retirar de “E Agora,...”.

É certo que as imagens que dão conta dessa grandeza humana são absurdas, demasiado caricatas, porventura, próximas de uma certa ligeireza irritante com que o assunto é tratado, dirão alguns em jeito de crítica a Labaki. Porém, esse lado cómico com que determinados assuntos sérios são abordados no cinema sempre foi e será controverso. No caso em apreço, essa comicidade faz lembrar Fellini, sendo, por isso, uma revisitação a esse incoerente risível mediterrâneo, feito de contextos quentes e personagens burlescas. Veja-se, por exemplo, o presidente da autarquia da aldeia, um homem anedótico nas ações e nas palavras, nas relações que tem com os seus conterrâneos e, principalmente, com a sua própria mulher, uma *primeira dama* que, assumindo por inteiro esse papel institucional, não deixa de não pertencer ao seu grupo de género, coeso e lúcido, afirmativo e com propósitos.

Há ainda aspetos contrastantes que gravitam em torno desta ideia grande: o romântico de uma relação imaginada e a agonia de uma mãe que perde o seu filho mantendo corajosamente, até ao limite do possível, esse segredo; os religiosos, católico e muçulmano, que se olham com desconfiança, mas que se conseguem estimar com respeito; as mulheres que, no final do filme, em nome da concórdia se travestem consentindo e incorporando a natureza do outro; por fim, o caixão do jovem assassinado que já dentro do cemitério vive a encruzilhada de saber qual é o seu perpétuo lugar.

Esse retorno ao cemitério é um estranho *flashback*. Ele foi anunciado no início pela movimentação das viúvas em grupo, sempre em grupo, numa dança que mais parece um ritual e uma oração dolorosa em nome de uma paz que tarda em chegar.